

Debaixo do barro do chão

Paulo Costa Lima

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LIMA, PC. Debaixo do barro do chão. In: *Música popular e adjacências...* [online]. Salvador: EDUFBA, 2010, pp. 91-93. ISBN 978-85-232-1202-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Debaixo do barro do chão

Silêncio. Há uma zabumba pensando. Pensando? O que porventura pensam as zabumbas entre uma batida e outra, entre um tempo e um contratempo? Tum... tum. Entre a afirmação de uma ordem hegemônica (de tempos) e sua imediata desautorização pelo ataque no finalzinho do período regulamentar, fazendo um contratempo desabusado, audacioso, que quase rouba para si o status de tempo forte, quando é mera dissonância rítmica. Será?

Não sei se o leitor entende de dissonâncias, acordes dissonantes, etc. Aqui faço referência a dissonâncias rítmicas, como se fosse possível transpor o conceito do campo das alturas para o campo das durações. A mais curiosa das dissonâncias rítmicas seria a hemíola, uma ordem rítmica que surge como contravenção e ameaça se tornar dominante...

A célula rítmica característica do forró afirma um tempo forte e logo o desautoriza, para em seguida reafirmá-lo... fica brincando de esconde-esconde com o tempo forte, daí o colorido todo da coisa, e o cenário adequado para um vozeirão manhoso que nem o de Luiz Gonzaga.

Os meus pés não precisam refletir sobre o assunto. São imediatamente convocados para um xaxado imaginário – xote, baião, congado, corta-jaca, maracatu, frevo, samba e que mais? Há quem diga que os pés pensam antes da cabeça. São os motores da identidade. Pe-dagogia.

O verdadeiro desafio educacional é descobrir em que direção caminhar – e os pés parecem saber isso antes. Será que foram as zabumbas que inventaram o Nordeste? Como se fossem zabumbas-galo tecendo manhãs em cada noite de forró? Como se, no amálgama de tempo e contratempo, estivéssemos representando essa tensão permanente entre a obsessão do enraizamento e a condição inequívoca de desterro que nos constitui como Brasil brasileiro? Tensão essa, cada vez mais característica de uma época pós, da qual talvez sejamos laboratório ímpar?

O enraizamento e o desenraizamento formam um contínuo. A desterritorialização pode ser um grande feito de identidade. Construir uma literatura/música sem marcas de lugar algum. Libertar-se da indexação imaginária pela via do local. Clarice Lispector?

O Nordeste não existe porque o Brasil não existe (nunca existiu, já não existe)? Ou talvez porque tenha inventado o Brasil através da zabumba?

Calma aí. O que está sendo dito é que a construção da ideia de Brasil é também uma construção nordestina. E olhe que nunca me senti nordestino. Até os 15 anos a minha geografia apresentava a Bahia como região leste – junto com Minas, Rio, Espírito Santo e Sergipe.

Ou porque é mais um efeito conjuntural do último século (surgiu junto com a Sudene! em 1969/70), ou seja, depois que a relativa equanimidade entre províncias de um mesmo império tropical cedeu lugar à concentração de poder no centro-sul?

Estou lembrando que o conceito de Nordeste era absolutamente desnecessário na época do Império. Existiam a Corte e as províncias.

Não sei se existe Nordeste, mas a zabumba existe. E com ela, esse apelo irresistível ao xaxado. Mas que xaxado seria esse? O que deveríamos dançar?

Como tecer novas manhãs, com galos e zabumbas cantando aqui e alhures – no mundo todo haverá nordestes e mais nordestes? Como trabalhar por manhãs intersubjetivas e interinstitucionais? (Rede)

Como permitir que tantas vozes e tantos pés invisíveis encontrem suporte nessas levadas de zabumba? (Identidade)

Como articular a cumplicidade necessária para que um lugar-de-fala seja ao mesmo tempo lugar de libertação e de futuro, lugar-múltiplo, zabumba-sanfona e pífano (Nordeste)?

“Há de haver pelo menos por ali, os pássaros que nós idealizamos”¹, dizia o poeta nordestino.

¹Jorge de Lima, Invenção de Orfeu XXVI